SEMANA TEOLÓGICA DA UNICAP

O PAPA FRANCISCO E O COMBATE ÀS HERESIAS DO GNOSTICISMO E DO PELAGIANISMO

Pedro Igor Leite da Silva*

RESUMO

O pontificado do papa Francisco foi, desde o seu primeiro momento, marcado por um estilo profético e missionário. Profético porque denunciador de um costume eclesial que beira a autorreferencialidade, missionário por causa de sua contínua preocupação por uma Igreja em Saída.Tais características, no entanto, têm provocado um número sem fim de críticas e reações que soam não só inconsistentes como preocupantes.Por mais de uma vez leigos, teólogos, sacerdotes, bispos e cardeais tentaram caracterizar o magistério do papa argentino como pouco fiel à ortodoxia, para não dizer herético[1]. Contudo, em contrapartida, o que Francisco tem feito é justamente uma longa denúncia sobre o ressurgimento de antigas heresias no seio da comunidade eclesial, a saber: o Gnosticismo e o Pelagianismo. Para falar do combate a estas heresias no hodierno momento eclesial, convém retomar elementos característicos da gênese herética, sua presente desfaçatez e, como consequência última, os desdobramentos no atuar pastoral da Igreja Católica.

Palavras-chave: Pelagianismo. Gnosticismo. Heresia. Combate. Papa Francisco.

1 O renascimento de antigas heresias

As heresias exerceram na Igreja dos primeiros séculos um papel importante, sobretudo no que tange à definição de doutrina. Aquilo que conhecemos como dogma, como verdade crida e professada, precisou ser questionada e mesmo duvidada. Assim, para termos o corpo canônico das verdades de fé, as controvérsias teológicas foram fundamentais. Não está em jogo, porém, a moralidade das heresias, tendo em vista que nem sempre as inverdades teológicas existiram por falta de fé ou por desvio de conduta, mas especialmente por escassez de linguagem.

Na contemporaneidade, entrementes, ressuscitar o espírito herético soa com mais tragicidade do que no momento originário da heresia, pois o ambiente é outro e

* Mestrando em Teologia – UNICAP. Bolsista CAPES/PROSUC. Colabora com a equipe editorial da Revista de Teologia Fronteiras da UNICAP.

[1] Sobre a carta de 4 cardeais solicitando explicações do papa sobre a carta *AmorisLaetitia:* cf.: https://www.acidigital.com/noticias/4-cardeais-pedem-ao-papa-francisco-que-esclareca-alguns-pontos-da-amoris-laetitia-13357, acessado em 06/05/19; sobre a carta mais recente, dirigida ao colégio dos bispos: http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/588775-carta-assinada-por-mais-de-1-500-pessoas-acusa-papa-francisco-de-delito-canonico-de-heresia, acessado em 06/05/19.

o conhecimento da verdade é um dado já pressuposto. Aí se encontra o cenário profético de Francisco, na identificação de duas antigas heresias que se revestiram de modernidade e insistem em atrapalhar a dinâmica encarnatória da espiritualidade cristã: são elas o gnosticismo, batizado por Francisco de neo-gnosticismo e o pelagianismo, dito agora como neo-pelagianismo. Antes de entrar na denúncia-constatação de Francisco, voltemos às heresias em si.

1.1 O gnosticismo: uma mente desencarnada

O Gnosticismo se desenvolveu nos séculos II e III. É um movimento que cresce no mesmo contexto do cristianismo e defende a salvação através da *gnose* (conhecimento). Há, com isso, uma grande e profunda separação entre corpo e alma; matéria e espírito. A dimensão corpórea e material deve ser banida, relativizada e desprezada, de modo que somente o homem espiritual é capaz de salvação.

Na grande História dos Dogmas, dirigida pelo jesuíta Bernard Sesboüé, aparecem as seguintes características do movimento gnóstico: a) um uso considerável de representações mitológicas; b) uma hermenêutica bastante imaginativa das sagradas escrituras, privilegiando os primeiros capítulos dos Gênesis; c) um interesse pela apocalíptica; d) um esoterismo fundamental; e) atitudes anticósmicas e anticarnais (o mundo é mau, porque é fruto da decadência e, nessa esteira, o ser humano é prisioneiro de um corpo que é incapaz de salvação, o que provoca uma leitura doceta da criotologia); f) atitude anti-histórica; g) o gnóstico deve escapar do mundo inferior e se abrir a um mundo superior (cf. SESBOÜÉ. WOLINSKI, 2005, p. 40-41).

Estas todas características têm origens diversas. Contudo, Platão do lado grego pode ser considerado um precursor da gnose. Do lado judeu, o próprio território da Palestina aparece como espaço favorável para o desabrochar de tais doutrinas. “Certas ‘seitas judaícas’ apresentam traços gnósticos, como os essênios de Qumran, os samaritanos e outros grupos mencionados por Hegesipo, que apresentava a heterodoxia judaica como ambiente original do gnosticismo cristão” (SESBOÜÉ. WOLINSKI, 2005, p. 39).

Do ponto de vista cristão, os padres da Igreja consideravam o gnosticismo a heresia mais ameaçadora para o cristianismo (cf. FRANGIOTTI, 2007, p. 31), pelo fato de possuir uma visão extremamente negativa do mundo e por negarem qualquer possibilidade de que o espírito divino tenha se unido à matéria (negação da encarnação de Jesus, por exemplo)(cf. FRANGIOTTI, 2007, p. 35).

Francisco percebe na Igreja do século presente vestígios, discretos e silenciosos, desta heresia que é dicotômica e elitista. Em vários documentos e discursos ele se posiciona, alertando a comunidade cristã contra os perigos do que ele chama de Neo-gnosticismo.

1.1 Características e forma de atuação dos neo-gnósticos

Na *Evangelii Gaudium* (EG), Francisco inaugura um jeito novo de fazer Exortações Apostólicas. O caráter pastoral e missionário ganha densidade, através de proposições criativas e as vezes até bem humoradas. Ele chega a dizer: "não se deve esperar do magistério papal uma palavra definitiva ou completa sobre todas as questões que dizem respeito à Igreja e ao mundo. (...). Neste sentido, sinto a necessidade de proceder a uma salutar 'descentralização'" (EG 16).

No capítulo II, ao falar das tentações dos agentes pastorais, o papa critica o mundanismo espiritual "que se esconde por detrás de aparências de religiosidade e até mesmo amor à Igreja" (EG 93), como sendo alimentado, no tempo presente, por estas duas heresias aqui analisadas. Por questões metodológicas, por ora fiquemos com o gnosticismo, que para Francisco se resume em uma

> fé fechada no subjetivismo, onde apenas interessa uma determinada experiência ou uma série de raciocínios e conhecimentos que supostamente confortam e iluminam, mas em última instância, a pessoa fica enclausurada na imanência da sua própria razão ou dos seus sentimentos. (EG 94)

Na Exortação *Gaudete et Exsultate*(GeE), sobre o chamado à santidade no mundo atual, Francisco classifica as duas heresias como inimigas sutis da santidade. Referindo-se em específico sobre o modelo atual de gnosticismo, o papa volta à questão da divisão corpo-alma, ressaltando que os que aderem, mesmo inconscientemente (cf. GeE 35) a esta doutrina, concebem uma mente sem encarnação e, a consequência para isto é o desejo de "um Deus sem Cristo, um Cristo sem Igreja, uma Igreja sem povo" (GeE 37).

Mais que isto, para o papa é uma "vaidosa superficialidade" (GeE 38), "uma das piores ideologias" por se tornar "particularmente enganadora, quando se disfarça de espiritualidade desencarnada" (GeE 40). As correntes do gnosticismo, olhando aqui para os seus primórdios, "desprezaram a simplicidade tão concreta do Evangelho e tentaram substituir o Deus trinitário e encarnado por uma Unidade superior onde desaparecia a rica multiplicidade da nossa história" (GeE 43).

Com estas orientações, o papa argentino não quer provocar ou se referir a quem, por intermédio de certo racionalismo, coloca-se como inimigo público da fé cristã (cf. GeE 39). Antes, ele quer se dirigir – e este é o objetivo da Exortação – aos homens e mulheres de fé. A insistência profética de Francisco neste tema, pode também sugerir certa resposta a tantos quantos, ao compará-lo aos papas que lhe precederam, questionam sua capacidade teológica. [2]

José Gonzáles Faus, escrevendo sobre *As 10 Heresias do Catolicismo atual*, pontua que aqui não se trata de um desprezo do conhecimento, mas que este "não pode ser erigido em caminho de salvação" (FAUS, 2015, 71). E mais que isto, no mesmo raciocínio de Francisco, ele identifica como que uma *síndrome de Estocolmo* na relação cristianismo x gnosticismo, na medida em que já não se procura injetar no cristianismo sua doutrina de salvação através do conhecimento, mas antes reconhecê-lo incompatível com a ciência. Acrescenta Faus: "a pretensiosa desautorização que alguns pseudoteólogos mostraram contra o Vaticano II, alegando que era simplesmente 'um concílio pastoral', incide nesta tentação de ver o cristianismo mais como uma gnose do que como vida" (FAUS, 2015, 71).

Em suma, o modelo atual de gnosticismo, provoca na comunidade de crentes uma disparidade. Se nos primeiros séculos se falava em *iluminados* ou *iniciados*, hoje se pode falar em quem tem mais acesso ao conhecimento e, por isso, se acha mais santo ou mais católico que os demais (cf. GeE 45). A cultura elitista, de sobreposição a "massa ignorante" paralisa a Igreja e não lhe permite a cultura do

[2] Para endossar e assegurar uma *Teologia do Papa Francisco*, a Editora Paulinas lançou uma coleção com este mesmo título. Chamo a atenção para o volume de autoria de João Décio Passos sobre o Método Teológico do papa. Aí, na pág. 9, o autor faz uma distinção entre teologia acadêmica, teologia do magistério e teologia do povo, localizando nestes espaços o papa Francisco. E acrescenta: "o papa Francisco não somente pratica um método, como explicita o método utilizado, na medida em que oferece definições dessa ordem em seus documentos e pronunciamentos." PASSOS, João Décio. *Método Teológico*. Col. Teologia do Papa Francisco. Ed. Paulinas: São Paulo, 2018, p. 11.

encontro e a dinâmica de saída missionária, desejada por Jesus e relembrada por Francisco.

2 O pelagianismo

A doutrina de Pelágio, nascido em 354 na Grã-Bretanha, é ortodoxa nos artigos do credo. Contudo, "sua maneira de encarar a vida moral e espiritual que cria problema, quando minimiza a realidade da redenção e o papel da graça" (SESBOÜÉ, 2010, p. 143). Se no gnosticismo a visão do ser humano era negativa, a ponto de se desenvolver uma antropologia do pessimismo, aqui tal visão se desloca para o sentido oposto: uma compreensão positiva que louva a autossuficiência humana.

Esta "soberba pelagiana" (FRANGIOTTI, 2007, p. 114) é melhor compreendida quando se analisam as teses por ele defendidas. A ideia de liberdade e de pecado original, por exemplo, clarificam nosso argumento. Para Pelágio, o homem livre é emancipado por Deus e feito adulto diante dele. "Se o poder vem todo de Deus, o 'querer' (opção pelo bem) e o 'cumprir' pertencem ao homem"(SESBOÜÉ, 2010, p. 143). Assim, o homem pode fazer o bem e por sua própria liberdade evitar o mal e não pecar. Com isto, fica evidente o que Lacoste em seu Dicionário crítico de Teologia já constatava: "[Pelágio] quer sobretudo uma 'Igreja de puros', de cristãos perfeitos, e seu ideal encontra um eco nos círculos aristocráticos" (LACOSTE, 2014, p. 1377).

Em consequência a esta reflexão está a concepção de pecado original e, por conseguinte, a teologia batismal. Pelágio entende o pecado a partir da ideia de responsabilidade e, portanto, defende a não necessidade de batismo para a remissão dos pecados. O Batismo é, tão somente, uma consagração/configuração a Cristo. Nesse sentido, na doutrina pelagiana, não se fala em pecado herdado de Adão mas uma inclinação que cada ser humano tem em si, por causa do mau exemplo do primeiro homem.

2.1 Características e forma de atuação dos neo-pelagianos

O novo rosto do pelagianismo é amplamente criticado pelo Santo Padre. Tanto aqui, como na crítica neo-gnóstica, Francisco reflete e lança luzes sobre a

reforma da Igreja que ele mesmo encara de frente. É como se quisesse assegurar que não podem haver caminhos para uma conversão eclesial com a manutenção de atitudes aparentemente saudáveis mas que são, em profundo, heréticas e destrutivas. Sobre isto, referindo-se ao novo modo pelagiano de viver, ele afirma que é uma maneira autorreferencial e prometeica de quem só confia em suas próprias forças "e se sente superior aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiel a certo estilo católico próprio do passado" (EG 94).

A crítica de Francisco é, sem dúvidas, sobre o conservadorismo que tende a paralisar na Igreja, sua atuação pastoral e missionária. Ele chega a dizer que: "há normas ou preceitos eclesiais que podem ter sido muito eficazes noutras épocas, mas já não têm a mesma força educativa como canais de vida" (EG 43).

Tal conservadorismo pode ser entendido como gnóstico (quando se põe o poder na inteligência) e pelagiano (quando centra o poder na própria vontade humana). O contrário a tudo isto é a assunção de um estilo de vida radicalmente simples e abnegado, capaz do reconhecimento sincero, pesaroso e orante das próprias limitações.

> A graça, precisamente porque supõe a nossa natureza, não nos faz improvisamente super-homens. Pretendê-lo seria confiar demasiados em nós próprios. Nesse caso, por trás da ortodoxia, as nossas atitudes podem não corresponder ao que afirmamos sobre a necessidade da graça e, na prática, acabamos por confiar pouco nela. Com efeito, se não reconhecemos a nossa realidade concreta e limitada, não poderemos ver os passos reais e possíveis que o Senhor nos pede em cada momento, depois de nos ter traído e tornado idôneos com o seu dom (GeE 50).

O grande perigo, com isto, é que há – na percepção de Francisco – uma suposta segurança doutrinal e disciplinar que promove, no seio da Igreja (desde o sentido macro às pequenas comunidades), um "elitismo narcisista e autoritário, onde, em vez de facilitar o acesso à graça, consomem-se as energias a controlar" (EG 94). Este perigo elitista, próprio das heresias aqui analisadas, traduz-se na pretensão de "domínio da Igreja", através do "cuidado exibicionista da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja", fazendo dela uma "peça de museu ou numa possessão de poucos" (EG 95). E mais: os novos pelagianos adoram a própria vontade, produzem em si uma "autocomplacência egocêntrica e elitista, desprovida do verdadeiro amor" (GE 57).

Segundo o Papa, há, pela própria força da heresia, uma distância profunda entre estes que têm, por exemplo, “atração pelas dinâmicas de autoajuda e realização autorreferencial” (cf. EG 95; GeE 57) e o impulso do Espírito Santo (cf. GeE 57-58). Isto acontece quando se quer submeter ou acrisolar o Evangelho – naturalmente simples – em estruturas humanas,burocráticas e excludentes. Francisco tem consciência de que o racionalismo e a crise moderna que pôs o homem como centro e medida de todas as coisas permitiram esta autossuficiência escravizadora.

À GUISA DE CONCLUSÃO

O chão de ressurgimento das citadas heresias é o que Francisco chama de mundanismo espiritual. Nele, por conta da autorreferência constante, o povo de Deus pode se desorientar porque nunca uma heresia é fechada em si mesma. Antes, para se justificar, ela provoca e sustenta novas maneiras que põe a fé e o senso de pertença eclesial em risco.

O retorno às heresias apresentadas (gnosticismo e pelagianismo) não se satisfaz nelas mesmas. Antes, provoca uma abertura sem fim a outros modos heréticos de comportamento eclesial. Tais inverdades teológicas e de fé criam, no seio da Igreja, duas outras tragédias contemporâneas: o clericalismo, também muito criticado por Francisco, e o esquecimento do Espírito Santo. Aquele é a fase mais rebuscada do gnosticismo, pois se caracteriza pelo elitismo espiritual, conservador e extremamente contrário a qualquer modo simples de vivência. O esquecimento da terceira pessoa da Trindade, aparece como um pelagianismo disfarçado, na medida em que o homem cristão moderno, centrando suas forças no poder, nos esquemas e nos ativismos, esquece-se da dimensão mistérica, transcendente e libertadora da Igreja de Jesus Cristo.

Esta história eclesial, entendida como linear e cheia de percalços, precisa dar atenção às profecias e às correções do magistério de Francisco. Primeiro porque, acreditamos, são frutos do Espírito – que não pode ser esquecido –, depois porque sua experiência de pastor, como arcebispo de Buenos Aires, fez-lhe experimentar na base as consequências negativas de tais heresias. Uma Igreja que se pretende em

saída missionária, precisa se desprender de todo e qualquer elitismo intelectual, espiritual e pastoral.

REFERÊNCIAS

FAUS, SJ. José I. González. *As 10 heresias do catolicismo atual*. Ed Vozes: Petrópolis, RJ. 2015. p. 71.

FRANCISCO. *Exortação apostólica* Evangelii Gaudium. Ed. Paulinas: São Paulo, 2013.

FRACISCO. *Exortação apostólica Gaudete et Exsultate*. Ed. Paulus: São Paulo, 2018.

FRANGIOTTI, Roque. *História das Heresias*. *(Séculos I-VII)*. Conflitos ideológicos dentro do cristianismo. 5ª ed. Ed. Paulus: São Paulo, 2007.

LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. 2ª ed. Ed. Paulinas, Loyola: São Paulo, 2014.

PASSOS, João Décio. Método Teológico. Col. Teologia do Papa Francisco. Ed. Paulinas: São Paulo, 2018

SESBOÜÉ, SJ. Bernard. WOLINSKI, J. *O Deus da Salvação*. (*Séculos I – VIII)*. Tomo 1. 2ª ed. Ed. Loyola: São Paulo, 2005. p 40-41.

_____. Bernard. LADARIA, L. F. GROSSI, v. LÉCRIVAIN, Ph. *O Homem e a sua salvação*. *(séculos V – XVII)*. Tomo 2. 2ª ed. Ed. Loyola: São Paulo, 2010.